

## A ÉTICA DO CUIDADO DE SI E A ÉTICA PERSONALISTA: UM DIÁLOGO ENTRE MICHEL FOUCAULT E EMMANUEL MOUNIER



<https://doi.org/arev7n4-298>

Data de submissão: 29/03/2024

Data de Publicação: 29/04/2025

**Ana Silvia Marcatto Begalli**

Advogada e professora do Curso de Direito do Centro Universitário Amparense (UNIFIA/Grupo UNISEPE).

Mestre em Direito pela Faculdade de Direito do Sul de Minas (FDSM) e Doutora em Educação pela Universidade São Francisco (USF).

Especialista em Direito Constitucional e Direito Processual Civil pela PUC-Campinas.

Pesquisadora do Grupo Estudos Foucaultianos e Educação (USF/CNPq) e membro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE).

Autora de três e organizadora de quatorze livros.

### RESUMO

Este artigo possui como objetivo principal fomentar um diálogo entre a ética do cuidado de si, desenvolvida por Michel Foucault, e a ética personalista, criada por Emmanuel Mounier. Assim, esse trabalho se divide em três partes: compreender a noção da ética do cuidado de si em Michel Foucault; delinear os principais aspectos da ética personalista em Emmanuel Mounier e por fim, traçar um paralelo entre essas duas éticas, reconhecendo nelas diferentes caminhos para se pensar a subjetividade, a liberdade e o compromisso com o outro. A metodologia usada nesse trabalho é a pesquisa teórica, realizada através de pesquisa bibliográfica que envolva o tema investigado. A relevância desse trabalho reside na possibilidade de se debater a ética na busca por um novo agir humano diante das crises pelas quais atravessa o mundo.

**Palavras-chave:** Cuidado De Si. Personalismo. Ética.

## 1 INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como objetivo principal colocar em debate duas formas de se pensar a ética que, à primeira vista, podem parecer distantes, mas que se encontram em um ponto essencial: a preocupação com a constituição do sujeito (em linguagem foucaultiana) ou da pessoa (em linguagem mouneriana). Assim, propomos o diálogo entre dois filósofos franceses: de um lado, Michel Foucault (1926-1984), com o resgate da noção de cuidado de si das antigas civilizações grega e romana; e do outro, Emmanuel Mounier (1905-1950), com a ética personalista centrada no reconhecimento da dignidade da pessoa humana.

O movimento personalista teve início no início da década de 1930, no contexto de um mundo que ainda contabilizava os prejuízos e as sequelas da crise econômica de 1929 e que também assistia a ascensão de Adolf Hitler na Alemanha, em 1933. Compreender esse cenário é imprescindível para a análise do movimento personalista, pois era através do primado da pessoa e de sua humanidade como valor fundamental, que Mounier vislumbrava respostas para as crises que a sociedade enfrentava à época. Foi em 1932 que ele fundou a revista *Esprit*, que foi o principal veículo de difusão da filosofia personalista naquele momento.

Já na década de 1970, Foucault deu início à série *História da Sexualidade*. No terceiro volume da obra (publicado pouco antes de sua morte, em 1984) o autor se debruçou sobre o tema da ética do cuidado de si: em síntese, trata-se de um processo onde o sujeito passa a ser o seu principal objeto de atenção e cuidado. Ao se conhecer e ao se relacionar melhor consigo mesmo, esse sujeito começa a desenvolver relações mais salutares com as pessoas que o cercam. Esse movimento tende a tornar o meio social mais harmônico como um todo, afinal quem cuida de si, se relaciona, convive e cuida melhor do outro.

Assim, esse artigo se divide em três partes: compreender a noção da ética do cuidado de si em Michel Foucault; delinear os principais aspectos da ética personalista em Emmanuel Mounier e por fim, traçar um paralelo entre essas duas éticas, reconhecendo nelas diferentes caminhos para se pensar a subjetividade, a liberdade e o compromisso com o outro. A metodologia usada nesse trabalho é a pesquisa teórica, realizada através de pesquisa bibliográfica que envolva o tema investigado. A relevância desse artigo reside no fato de que o mundo vive um tempo marcado por crises econômicas, sociais e humanitárias. Mais do que uma comparação sistemática, o que se pretende aqui é deixar que as ideias entrem em contato, podendo uma provocar a outra, para que assim surjam novas possibilidades de se pensar a ética e refletir sobre como ela pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, harmônica e civilizada para todos.

## 2 FOUCAULT: A ÉTICA DO CUIDADO DE SI

A noção de “cuidado de si”, é uma prática antiga, enraizada nas tradições filosóficas da Grécia e Roma clássicas. Trata-se de uma postura diante da vida e de si mesmo, que envolve um processo constante de transformação do sujeito por meio de exercícios, diálogos, meditação e atenção consigo. O sujeito não nasce ético, ele se torna, e esse tornar-se passa necessariamente por práticas que Foucault chama de técnicas de si (FOUCAULT, 2006). É assim que Foucault nos apresenta Sócrates como o homem do cuidado de si, aquele que interpelava as pessoas e as incitava para que cuidassem de si mesmas. Sócrates era comparado a um tãvão, que é um inseto que pica os animais, e ao fazer isso, os induz à agitação. O cuidado de si deve ser tido como o ferrão que vai penetrar nas pessoas e fazer com que elas despertem, se insurjam e se abram, mas não apenas de maneira pontual. O ferrão cravado na pessoa a motiva a cuidar de si, devendo essa conduta durar por toda a sua existência.

Dando seguimento ao tema, Foucault (2010) passa a se utilizar da obra *Alcibiades*, de Platão. Alcibiades era um jovem cuja família possuía muito dinheiro e prestígio social. Alcibiades cresceu e, além de rico, tornou-se um rapaz muito bonito, o que fez com que muitas pessoas se aproximassem dele, querendo desfrutar dos privilégios que ele possuía e que poderia proporcionar aos outros. Alcibiades muito provavelmente foi cegado por isso, e achou que sua beleza e seu poder durariam para sempre. Mas obviamente não foi isso que aconteceu. Ao envelhecer, Alcibiades perdeu tais qualidades e percebeu que tornou-se desinteressante às pessoas que antes o assediavam. A lição que aqui deve ser tomada é a de que Alcibiades deveria ter tido cuidado consigo próprio durante toda a sua vida, e desenvolvido virtudes que perdurariam por toda a sua existência. Ao invés disso, Alcibiades descuidou de si próprio, preferindo apegar-se a atributos que eram efêmeros.

O cuidado de si e a noção ética que se origina dele têm efeito não só para a pessoa, já que as práticas de cuidado de si vão conseqüentemente se ecoar na qualidade da interação que se constitui com o outro, o que tende a deixar e a manter o ambiente em comum e até mesmo a própria comunidade, de forma geral, mais harmônicos e equilibrados. Para Foucault (1994, p. 57), “tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo; ela não constitui um exercício da solidão; mas sim uma verdadeira prática social”. Mas, antes de olhar o outro e de cuidar do outro, deve o sujeito ocupar-se de si próprio. Essa última prática deve vir antes das primeiras, mas não por egoísmo ou narcisismo, e sim porque o *eu* vem antes do *outro*, para se relacionar com o *outro*, deve-se relacionar antes com o próprio *eu*. Foucault (2006, p. 271) explica que não se deve passar o “cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária”.

No mundo greco-romano, o cuidado de si era considerado uma “atividade constante”, uma espécie de trabalho cotidiano sobre si mesmo. Nas palavras do próprio Foucault (2006, p. 32), “o cuidado de si implica um olhar para si que é também a possibilidade de modificar-se, de transformar-se”. Não se trata de uma prática narcisista, mas de uma relação ética consigo que, paradoxalmente, abre espaço para a relação com o outro. Esse cuidado era vivido como uma exigência ética, uma prática necessária à boa condução da vida, e não como um gesto individualista. Ao contrário: só quem cuida de si é capaz de cuidar do outro. Para Foucault (2006, p. 26). “não há acesso ao outro sem um trabalho sobre si mesmo”. Ou seja, a ética não é algo externo, imposto por regras universais; é algo que nasce da relação do sujeito consigo mesmo, mas que se reflete na forma em como ele se relaciona no meio em que vive. Se o sujeito cuida de si e sabe conduzir bem a sua vida pela autonomia que conquistou, ele saberá como conduzir as relações com seus familiares, amigos, colegas, empregadores, empregados etc. É por isso também que cuidar de si é algo para toda a vida, já que

[...] o cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica em relações complexas com os outros, uma vez que esse êthos da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros; por isso é importante, para um homem livre que se conduz adequadamente, saber governar sua mulher, seus filhos, sua casa, nisso também reside a arte de governar. O êthos também implica uma relação com os outros, já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente – seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade (FOUCAULT, 2006, p. 282).

Essa ética não está no exterior ou à volta do sujeito, mas é evidente que a maneira com que esse último se relaciona consigo se reflete na forma como se relaciona com os outros. Por conseguinte, esse sujeito que pratica o cuidado de si, que se conhece e se transforma, torna-se livre. Entenda-se liberdade aqui não como aquela liberdade garantida por lei, de ir e vir, mas a liberdade do sujeito que não está subjugado a sentimentos como a raiva, o destempero ou a cólera. Ele não age impetuosamente guiado por tais instintos e emoções, pois esse sujeito tem o domínio sobre si e sabe que nem tudo que deseja ou quer fazer deve ser posto em prática, e ele próprio sabe impor-se essa fronteira. Mas não o faz não por estar amarrado a códigos de moral, e sim por ter autoconhecimento e autocontrole. À vista disso, se a “ética for concebida como o âmbito das relações consigo (o embate que ocorre, no próprio indivíduo, entre os desejos desmedidos e os limites do seu agir livremente)” (CANDIOTTO, 2010, p. 164).

E é assim, conhecendo-se, transformando-se e aprimorando-se, que o sujeito alcança a chamada estética da existência, na qual ele faz com que sua vida seja portadora de valores (FOUCAULT, 2006). Esses valores são as virtudes desenvolvidas e cultivadas pelo sujeito, e que farão com que sua vida seja tida como uma obra de arte. Dessa maneira, o sujeito pode ser reconhecido pelos outros através dessas qualidades que carrega consigo, e transformar-se, inclusive, em um exemplo para a posteridade

(FOUCAULT, 2006). Para Foucault (2006), a ética não é o cuidado de si, mas aquela está intrinsecamente ligada a este. Na Antiguidade, a moral estava atrelada a essa ética do cuidado de si, e não à obediência das pessoas a regras de conduta, já que

[...] os gregos problematizavam efetivamente sua liberdade e a liberdade do indivíduo como um problema ético. Mas ético no sentido de que os gregos podiam entendê-lo: o *êthos* era a maneira de ser e a maneira de se conduzir. O *êthos* de alguém se traduz pelos hábitos, pelo seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde aos acontecimentos. O homem que tem um belo *êthos* pode ser admirado e servir como exemplo. Mas para haver essa liberdade formada por esse *êthos*, ou seja, por algo que é bom, honrado e respeitável, é preciso haver o cuidado de si, um trabalho de si, sobre si mesmo (FOUCAULT, 1994, p. 281).

Esse conceito foucaultiano não é apenas uma retomada histórica, mas um convite a pensar a subjetividade de outra maneira. Foucault propõe uma ética sem normas fixas, onde o sujeito é ao mesmo tempo obra e artesão de si mesmo. Isso exige um trabalho constante sobre si, com atenção, disciplina e liberdade. Na reflexão foucaultiana, a ética está diretamente ligada à forma como o sujeito se constitui — ou melhor, como ele constitui a si mesmo. Isso significa que a ética, longe de ser um conjunto de normas externas, é antes de tudo uma prática de liberdade, um modo de se relacionar consigo e com o mundo de maneira crítica e transformadora. É aqui que o cuidado de si ganha força como experiência ética, porque ele coloca o sujeito diante de si mesmo, não para que ele se submeta a regras, mas para que se torne capaz de criar outras formas de ser (FOUCAULT, 1994).

A “estética da existência”, é também uma maneira de romper com os modos normativos de subjetivação impostos pelos dispositivos de poder. Isso porque, cuidar de si e desenvolver qualidades, também nos convida a resistir. Resistir a quê? Aos discursos que nos moldam, às práticas disciplinares, aos regimes de verdade que tentam nos dizer quem somos ou devemos ser. Para Foucault (2006, p. 19), “o poder não é algo que se impõe de fora, mas que circula, se infiltra, se exerce nos mais diversos pontos do campo social”. Por isso, a resistência também precisa vir de dentro — do modo como o sujeito se cuida, se interroga e se inventa. Essa resistência não é um enfrentamento direto ou uma negação pura e simples, ela se dá no plano da subjetividade, na reinvenção de si, na recusa a ser capturado pelos modelos prontos de identidade. E isso só é possível a partir de práticas concretas: escrever, ler, meditar, dialogar, observar-se (FOUCAULT, 1994). Quando resistimos, nos libertamos e nos tornamos menos suscetíveis à alienação e à dominação.

Como Foucault aponta, os antigos tinham “exercícios espirituais” justamente para cultivar essa atenção constante a si mesmo (FOUCAULT, 2006, p. 37). Hoje, pensar o cuidado de si como prática política é justamente recuperar esse gesto de liberdade. Trata-se, então, de uma ética da singularidade, uma forma de se responsabilizar por si sem cair no egoísmo, porque o cuidado de si nunca exclui o outro, pelo contrário, ele é o que torna possível o cuidado e a relação com o outro. E é nesse sentido

que, para Foucault (2006, p. 24) o cuidado de si é uma condição para a liberdade, mas uma liberdade vivida, praticada, conquistada no cotidiano. Assim, cuidar de si é afirmar-se contra o conformismo, contra a passividade, contra a sujeição. É, em última instância, tornar-se sujeito de si.

### **3 MOUNIER: A ÉTICA PERSONALISTA**

Mounier, ao criar filosofia personalista, tinha como objetivo empreender uma espécie de meio-termo entre o individualismo liberal e o coletivismo socialista, correntes opostas entre si. Em relação à primeira, há que se mencionar que o reconhecimento dos direitos da pessoa humana foi de fundamental importância para a guinada que culminou na queda do Antigo Regime<sup>1</sup>. Isso porque, em regimes absolutistas, o poder estatal era esmagador e visava apenas garantir a continuidade dos privilégios da monarquia. Não havia a valorização do indivíduo, tampouco a tutela deste frente aos abusos do Estado. A crescente insatisfação, em especial da classe burguesa (que arcava com pesados tributos, sustentava o luxo da corte e não detinha qualquer direito político), resultou na Revolução Francesa (1789-1799), que mudou os rumos da humanidade. Nesse período, foi promulgada a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, que reconhecia a pessoa humana como detentora de dignidade e direitos.

Nasceu assim uma sociedade liberal e individualista. O Estado deveria garantir liberdade e segurança para que as pessoas pudessem, agora libertas das amarras do poder absolutista, estabelecer seus negócios, acumular riquezas e atingir seus objetivos. Ocorre que, na lógica liberal clássica, a busca desenfreada pelo lucro e a ausência de qualquer mecanismo de controle econômico por parte do Estado, desencadearam o isolamento das pessoas, que acabaram por se desvincular umas das outras, sem qualquer preocupação com a noção de comunidade. O individualismo, que nasceu de uma legítima revolta face às arbitrariedades de um estado autoritário, acabou por colocar a pessoa em uma posição de total hegemonia, preterindo o meio social em que ela habitava e deixando-o em um segundo plano. E isso tornou-se um problema, pois a

[...] a pessoa só se realiza na comunidade: isso não quer dizer que ela não tenha alguma chance de fazê-lo perdendo-se no anonimato. Não existe comunidade verdadeira a não ser uma comunidade de pessoas. Todas as outras não passam de uma forma do anonimato tirânico (MOUNIER, 2004, p. 82).

A Revolução Francesa emergiu a partir do lema “liberdade, igualdade, fraternidade”, mas se na letra fria da lei todos eram iguais, na prática, as desigualdades eram profundas. Não havia qualquer

---

<sup>1</sup>Sistema social e político que vigorou na Europa do século XV ao XVIII. Caracterizava-se pela concentração do poder nas mãos do monarca, além do domínio da nobreza e do clero.

intervenção estatal, especialmente no que tangia à economia, e, assim, o mercado se regulava por suas próprias forças, o que inevitavelmente resultou em acentuadas discrepâncias social. Nesse “modelo liberal puro, as leis do Estado não podem (ou não devem) interferir com os critérios de mérito que ‘brotam’ espontaneamente do intercuro social” (CAMPOS; FERES; et al., 2018, p. 32). A meritocracia do liberalismo é uma falácia. Apenas pode-se considerar os méritos pessoais em uma sociedade com oportunidades e chances reais para todos. É como uma maratona: todos os atletas devem ter o mesmo ponto de largada. Se alguns competidores tiverem de sair alguns passos atrás dos outros, a prova torna-se injusta. Então, transportando a metáfora da corrida para a vida em sociedade: só se pode falar em conquistas por méritos individuais se todos estiverem dentro das mesmas circunstâncias.

O marxismo teceu críticas profundas a esse modelo liberal e capitalista. Essa vertente defendia que a revolução para uma sociedade igualitária deveria partir da total reestruturação da ordem econômica, onde a propriedade privada seria extinta, todos os meios de produção passariam a pertencer ao Estado e dessa forma, estariam abolidas as classes sociais. Ocorre que, nesse caso, a pessoa mais uma vez seria ceifada de sua liberdade e restaria oprimida; seja diante do Estado, seja em prol do coletivismo, que nessas condições, acabaria totalmente por subjugá-la. A mudança proposta por Marx tinha como ponto de partida mudanças na estrutura de trabalho que movimentava a economia e não a pessoa humana em si. Assim, relegava-se ao esquecimento o homem singular em suas características únicas, em detrimento do homem coletivo e da massa comum a qual ele pertencia (MOUNIER, 1967, p. 96).

O que se percebe é que Mounier não estava em consonância integral com o individualismo liberal tampouco com o coletivismo marxista. O primeiro priorizava a pessoa mas menosprezava por completo a comunidade; já o segundo, primava pelo coletivo, mas esquecia a pessoa como ser singular. Por isso, a filosofia personalista foi também uma tentativa de se encontrar um ponto de equilíbrio, que reconhecesse o valor da pessoa humana, mas sem abandonar a importância do meio social. A ética personalista defende a convivência solidária como um princípio fundamental. A relação com o outro, entendida em seu caráter mais profundo e não meramente utilitário, é o espaço onde a pessoa se afirma e encontra seu sentido de existência. Assim, valorizar o indivíduo não pode significar o desprezo ao fato de que ele vive em sociedade e não isolado.

O ponto de partida da ética personalista de Mounier é a centralidade da pessoa humana, compreendida em suas diversas facetas: espiritual, relacional, histórica e livre. Para Mounier, a ética personalista vai além do respeito à dignidade humana; ela visa a promoção da pessoa em sua totalidade, em seu desenvolvimento integral (MOUNIER, 2004). A pessoa não pode ser reduzida a um indivíduo egoísta que se aparta dos demais, nem a um simples membro de uma coletividade abstrata. Ela é um



ser único, mas profundamente social e cujo sentido da vida está na convivência com os outros e no desenvolvimento de suas potencialidades.

No pensamento personalista, o ser humano não é objeto, não é meio e nem instrumento para se atingir um determinado propósito, ele é um fim em si mesmo. Para Silveira (2010, p. 5), “Mounier retomou a noção de pessoa e fez desta o ponto de partida para uma nova navegação filosófica: pensamento otimista, comprometido e aliado à exigência da ação frente à ‘desordem estabelecida’”. O personalismo rejeita a ideia da impessoalidade, uma vez que o homem não é simples matéria inanimada, o homem é ser racional e soberano em suas ações. A autonomia de que dispõe o homem lhe confere a possibilidade de pensar e exercer suas ideias como pessoa que existe. E existir, sob o aspecto personalista, é mais do que simplesmente estar vivo e respirar, uma vez que “a pessoa só se realiza na liberdade que a constrói como ser responsável diante de sua própria humanidade e da humanidade dos outros” (Mounier, 2004, p. 67).

Todo ordenamento jurídico que possui como pilar a dignidade humana se entrelaça intimamente com a doutrina personalista de Mounier, pois coloca o ser humano como o centro de sua proteção, reconhecendo-o como portador de direitos, de dignidade, de liberdade e de autonomia. Porém, é preciso lembrar que não há como separar o indivíduo da sociedade, pois o ser humano é essencialmente comunitário. Conclui-se, portanto, que o reconhecimento da dignidade da pessoa humana é imprescindível também para a vida em sociedade, a partir do momento em que se estabelecem limites que não podem ser invadidos, pois, do contrário, viveríamos em um permanente estado de natureza primitiva, em que valeria somente a lei do mais forte. É fundamental a percepção de que todas as formas de controle social, como a Política e o Direito, não se esgotam em si mesmas, elas existem para servir à sociedade, e não o contrário. A sociedade onde vive a pessoa; a pessoa que é o ponto de início, de meio e de fim de tudo.

Para o personalismo, a pessoa é um absoluto, pelo fato de que ela é modelo e perfeição ontológica com um chamado a realizar plenamente além do tempo e a sobrelevar-se ao infinito. Diante de tal pensamento, coube ao movimento personalista o trabalho de aflorar a tomada de consciência de um universo cada vez mais impessoal nas relações entre os homens e a sociedade, cuja despersonalização tornava o homem objeto, estranho ao outro e a si mesmo (SILVEIRA, 2017, p. 137).

Mounier, ao colocar a pessoa como pilar de sua ética, enfatiza a responsabilidade da mesma, destacando que a liberdade não pode ser entendida de forma isolada ou individualista. Para ele, a verdadeira liberdade é aquela que se concretiza no compromisso com o outro, com a comunidade e com a dignidade humana. A liberdade, em sua perspectiva, está intimamente ligada à responsabilidade, um conceito fundamental na ética personalista. A liberdade, tal como Mounier a compreende, não é a



liberdade para agir sem restrições, mas uma liberdade responsável, que exige do sujeito uma atitude ética em relação ao outro. A ética personalista propõe, assim, uma visão da liberdade que vai além da simples autonomia individual, colocando-a como um compromisso com a dignidade humana e com o bem comum. Para Mounier (2004), a pessoa se define no encontro com o outro, e é nesse encontro que ela deve exercer sua responsabilidade. A ética personalista não pode ser pensada sem levar em conta o outro, pois é através da relação com o outro que a pessoa se realiza enquanto ser humano.

[...] liberdade, condicionada, sem dúvida, mas que fazia a pessoa responsável pelo seu agir. A eticidade da ação se configurava a partir da articulação dialética da vontade e da liberdade, do lado da imanência, com seus condicionamentos existenciais; do lado da transcendência, com a eminente dignidade da pessoa humana, fonte de todos os valores que devem nortear nossas ações (SEVERINO, 2009, p. 159).

O compromisso com a dignidade humana é o alicerce dessa visão de liberdade e responsabilidade. A ética personalista não apenas defende a liberdade do sujeito, mas exige que essa liberdade seja exercida com respeito à dignidade de todos os seres humanos. Assim, a liberdade e a autonomia, para Mounier (2004), não são conquistas isoladas, mas estão sempre entrelaçadas com o compromisso ético e com a responsabilidade perante os outros e a comunidade. A verdadeira liberdade é a que se realiza no encontro com o outro, no respeito à dignidade humana e no cuidado com a construção de um mundo mais justo e solidário.

#### 4 O DIÁLOGO

A primeira ligação que vislumbramos entre o cuidado de si e o personalismo é a centralidade da pessoa ou do sujeito. Foucault coloca o sujeito como o protagonista de sua própria vida, atenção e cuidado. O sujeito deve ser para ele mesmo o seu principal ponto de interesse e aprimoramento, pois, antes de qualquer “outro”, vem o “eu”. Na doutrina personalista, a pessoa é o núcleo de tudo, de uma sociedade, de um ordenamento jurídico e do próprio universo, uma vez que todos os caminhos começam e terminam nela, pois desde “que a pessoa não é um objeto que se pode separar e observar, mas um centro de reorientação do universo objetivo, resta-nos fazer girar a análise em torno do Universo edificado por ela mesma iluminar-lhe as estruturas nos seus diversos planos [...]” (MOUNIER, 2004, p. 35).

Foucault e Mounier viveram no período da II Guerra Mundial, e esse último deu início à disseminação da filosofia personalista justamente durante anos em que ascenderam na Europa as ideologias fascista e nazista. Nesses regimes não se concediam a todos a condição de “pessoa”, no sentido de conferir-lhes dignidade e tutela jurídica. Tanto é assim que populações inteiras foram dizimadas. A ética em Mounier repousa sobre a ideia da dignidade da pessoa, de legitimar a si e ao

outro como um bem absoluto. Ora, se damos a nós mesmos e também aos outros o *status* de pessoas iguais em dignidade e direitos, poderemos pensar, então, em uma ética como cooperação entre pessoas, povos e estados, e assim teríamos uma sociedade que pode reconhecer-se como ética a partir do momento que identifica o valor fundamental da pessoa humana de forma recíproca, simplesmente pelo fato de sermos todos humanos, independente de nacionalidade, religião, idioma, etnia.

Percebe-se que essa questão não se prende somente ao período histórico em que se encontrava Mounier ao fundar a revista *Esprit* (1932) e a começar a difundir o personalismo. Garantir a dignidade da pessoa na prática, não restringindo-a somente a declarações e constituições, é um caminho que se abre para o reconhecimento de um mundo plural, que é basicamente o mundo no qual vivemos, habitado por pessoas e grupos de diferentes lugares, culturas, religiões, etnias etc. É por isso que as “Declarações de direitos cedo se deturpam, quando não repousam sobre sociedades suficientemente ricas em caracteres indomáveis, e simultaneamente em sólidas garantias em estruturas” (MOUNIER, 2004, p. 107). Não se pode esquecer que a pessoa, para a qual se concede dignidade e protagonismo dentro de um sistema político, social e jurídico, também é dotada de razão, qualidade que a torna apta ao senso crítico e cívico. Mounier mesmo foi um exemplo disso: mobilizou-se contra os estados totalitários, tendo sido perseguido e preso em virtude de sua conduta de resistência. Existir é mais do que simplesmente respirar e ter direitos. É também ter a consciência, a fruição e o engajamento por eles, uma vez que

[...] existir é dizer sim, é aceitar, é consentir. Mas se eu aceito sempre, se eu não recuso e se nunca recuso, eu me afundo. Existir, do ponto de vista pessoal, significa também e frequentemente saber dizer não, protestar, desligar-se [...] Eu não garanto, parece, minha leveza de manobra e a juventude mesma do meu ser se não à condição de questionar tudo, a cada momento, crenças, opiniões, certezas, fórmulas, adesões, hábitos, filiações. A ruptura, o salto, são de verdade umas categorias essenciais da pessoa (MOUNIER, 2004, p. 59).

Voltando a Foucault, temos que, posteriormente, o cuidado de si como uma prática que buscava a ética nas relações e a estética da existência foi substituído pela coerção exercida pelas instituições, tais como a escola, igreja e os hospitais, visto que da “Antiguidade ao Cristianismo, passa-se de uma moral que era essencialmente a busca de uma ética pessoal para uma moral como obediência a um sistema de regras” (FOUCAULT, 2010, p. 283). Com o fim da era da Antiguidade, deixou-se de lado essa ideia do cuidado de si como uma prática na busca pelas virtudes que culminariam em uma existência ética. A moral, a partir de então, passou a ser direcionada à sujeição que as pessoas deveriam ter aos códigos de conduta e às instituições, que também possuíam suas próprias regras. A ascensão do Cristianismo contribuiu de forma robusta no abandono do ideal do cuidado de si:

O cristianismo, ao introduzir a salvação como salvação depois da morte, vai desequilibrar ou, em todo caso, perturbar toda essa temática do cuidado de si. Embora, lembro mais uma vez, buscar a salvação significa certamente cuidar de si. Porém, a condição para realizar sua salvação será precisamente a renúncia. Nos gregos e romanos, pelo contrário, a partir do fato que se cuida de si em sua própria vida e de que a reputação que se vai deixar é o único além do que com o qual é possível se preocupar (FOUCAULT, 2010, p. 267).

Aqui, abrimos parênteses para destacar um ponto de oposição entre Foucault e Mounier: para o primeiro, a disseminação dos preceitos cristãos fez com que o sujeito renunciasse ao cuidado consigo mesmo, afinal, a verdadeira salvação viria com a morte e não em vida, e, assim, o sujeito relegou-se ao abandono. Já para Mounier, é ao contrário: a valorização da pessoa se dá por influência do Cristianismo, pois “o personalismo cristão vai até o fim: todos os valores se agrupam debaixo do apelo singular de uma pessoa suprema” (MOUNIER, 2004, p. 77). Mounier, é preciso que se diga, foi um filósofo cristão e certamente os princípios de sua religião exerceram sobre ele forte inspiração. Ao defender a prioridade da pessoa, Mounier a entende como a obra divina mais importante, pois

[...] cada pessoa é criada à imagem de Deus, cada pessoa é chamada para formar um imenso Corpo místico e carnal na Caridade de Cristo. Começa a tomar sentido uma história coletiva da humanidade, de que os gregos não tinham sequer ideia. A própria concepção da Trindade, que alimentou dois séculos de debates, traz consigo a ideia surpreendente de um Ser Supremo no qual intimamente dialogam pessoas diferentes, de um Ser que é já, por Si próprio, negação da solidão (MOUNIER, 2004, p. 20).

Outra diferença entre os filósofos diz respeito à transcendência do sujeito/pessoa: Foucault evita fundações metafísicas, propondo uma ética que não se baseia em um sujeito essencial, mas em um processo contínuo de construção e resistência. A ética para Foucault não é uma busca por um sentido transcendente ou por uma verdade imperiosa sobre o sujeito. Já Mounier parte de uma visão mais intensa acerca pessoa, entendida como um ser espiritual, relacional, livre e histórico. Para ele, a ética é construída em torno de uma concepção transcendental do ser humano, com base na busca por um sentido mais profundo, que vai além dos limites do mundo material e palpável. A liberdade e a autonomia para Mounier não são apenas questões de resistência ao poder, pois ele parte da ideia de que a pessoa tem uma dimensão espiritual. A espiritualidade, no pensamento mouneriano, não se refere a uma abstração, mas à busca contínua do sentido, da liberdade e da transcendência (MOUNIER, 2014).

Em convergência, Foucault e Mounier, em suas respectivas filosofias, criticam a alienação da pessoa/sujeito, embora abordem fenômenos diferentes. Foucault observa as formas de alienação impostas pelos dispositivos de poder, especialmente no que diz respeito aos mecanismos de controle que regulam a vida (disciplinamento, vigilância, instituições etc.). Ele se atenta também para o fato de que a essência humana foi por muito tempo aprisionada e alienada por inúmeros processos históricos,

sociais e econômicos, e, nesses contextos, seria necessário que o homem se libertasse de tais mecanismos, para que pudesse se conectar consigo mesmo (Foucault, 2010). Mounier, por sua vez, critica a alienação causada pela massificação e pelo materialismo, que transforma as pessoas em meros elementos de uma engrenagem socioeconômica sem espaço para a liberdade, para independência e para a própria dignidade humana. Ambos, portanto, alertam para a perda da autonomia e da consciência da pessoa/sujeito a partir de diferentes perspectivas (FOUCAULT, 2005; MOUNIER, 2004).

Foucault (2006, p. 268) explica que “ocupar-se de si foi, a partir de um certo momento, denunciado de boa vontade como uma forma de amor a si mesmo, uma forma de egoísmo ou de interesse individual”. Importante destacar que o ato de ocupar-se consigo mesmo não se concentra somente nas técnicas que empregamos para nós mesmos em atividades isoladas e solitárias. Na perspectiva de Grabois (2011, p. 106), Foucault, ao “conferir importância às práticas de si, não defende uma posição individualista; defende ao contrário, que essas práticas se inserem num contexto mais amplo de práticas sociais”. Quando cuidamos melhor de nós mesmos, estabelecemos relações mais saudáveis com o outro. Por isso, a ideia do cuidado de si como uma prática egocêntrica deve ser rechaçada.

Temos aqui, então, aquele que consideramos o mais um importante elo entre o cuidado de si apresentado por Foucault e o personalismo mounieriano: a visão do sujeito/pessoa como um ser essencialmente comunitário. Para Mounier, o homem possui natureza sociável e comunicável, uma vez que “o primeiro movimento que revela um ser humano, na primeira infância, é um movimento em direção aos outros: a criança, dos seis aos doze meses, saindo da vida vegetativa, descobre a si mesma nos outros” (MOUNIER, 2004, p. 35). O personalismo tem seu aporte na centralidade da pessoa, mas, assim como cuidar de si não é atitude egocêntrica, pois se reflete na interação com o outro, a colocação da pessoa como uma unidade máxima em qualquer tempo e lugar não visa excluir o outro, mas sim reconhecer a todos como seres portadores de dignidade e não passíveis de objetificação, o que inevitavelmente conduz a um espaço coletivo que tem como sustentáculo o respeito pela pessoa e por toda a sua gama de diversidade. O personalismo se contrapõe diretamente ao individualismo, porque

[...] o individualismo é um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitude de isolamento e de defesa. Foi o individualismo que constituiu a ideologia e a estrutura dominante da sociedade burguesa ocidental entre o século XVIII e o século XIX. O homem abstrato, sem vínculos e nem comunidades naturais, deus supremo no centro de uma liberdade sem direção e sem medida, sempre pronta a olhar os outros com desconfianças, calculismo ou reivindicações em relação aos outros, ao lado de instituições reduzidas a assegurar a convivência mútua dos egoísmos. Ou o seu melhor rendimento pelas associações viradas para o lucro: eis a forma de civilização que vemos agonizar, sem dúvida uma das mais pobres que a história já conheceu. É a própria antítese do personalismo e o seu mais direto adversário (MOUNIER, 2004, p. 61-62).

Foucault (2010, p. 266) também frisa que o “cuidado de si não pode em si mesmo tender para esse amor exagerado de si mesmo que viria a negligenciar os outros, ou, pior ainda, a abusar do poder que se pode exercer sobre ele.” É verdade sim, que o *eu* deve vir antes do *outro*; mas é verdade também que o *eu* não pode e nem deve existir sozinho, a ponto de simplesmente ignorar o outro. Não há contradição entre as duas noções. O sujeito de fato deve cuidar de si antes de cuidar do outro; mas é cuidando de si primeiro, tomando as rédeas de sua vida e reforçando a sua liberdade, que ele poderá se relacionar melhor com seus pares. Da mesma forma, o reconhecimento da dignidade da pessoa humana como valor primaz em uma sociedade e legislação não devem ensejar o abandono do ideal de comunidade como um ambiente propício e civilizado para convivência entre os seus membros.

Essas questões permitem que o diálogo entre os dois pensadores seja aprofundado, levando a novas possibilidades para a reflexão sobre ética, liberdade, responsabilidade e a constituição da subjetividade no contexto social. O diálogo entre a ética do cuidado de si de Foucault e a ética personalista de Mounier não se limita ao debate filosófico abstrato; suas implicações são profundamente relevantes para o contexto mundial contemporâneo. O confronto entre esses dois paradigmas oferece uma oportunidade única de enriquecer as discussões sobre questões centrais da ética atual, como o individualismo *versus* a responsabilidade social, a subjetividade *versus* a alteridade, e liberdade *versus* o cuidado mútuo. Além disso, suas propostas podem ser aplicadas a áreas essenciais da vida social, como educação, política e saúde, fornecendo uma base sólida para práticas mais humanizadas e responsáveis. Em um mundo cada vez mais marcado pelo individualismo e pela impessoalidade, as reflexões sobre a ética de Foucault e Mounier oferecem uma crítica necessária e importantíssima.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo principal promover um encontro entre duas grandes tradições filosóficas: a ética do cuidado de si em Foucault e a ética personalista em Mounier. O que se pode concluir é que a aproximação e a divergência entre esses dois pensadores criam um campo fértil para um diálogo que nos permite refletir sobre a autonomia, a responsabilidade ética e a subjetividade. Ambos oferecem contribuições valiosas para uma compreensão mais profunda das práticas de liberdade.

O mundo passa por incontáveis crises: estruturas políticas pautadas no tiranismo, discursos de ódio e intolerância, exclusão de grupos minoritários, ameaça às democracias, violações de direitos humanos, pobreza e fome que aniquilam países e nações, dentre tantos outros que poderiam ser mencionados e analisados. No diálogo que aqui propomos fomentar entre Foucault e Mounier,

intencionamos demonstrar que o cuidado de si e a legitimação da pessoa como o centro de toda a proteção de um complexo político-jurídico são formas efetivas de tornar a sociedade um ambiente mais favorável para todos. Para Foucault, quem cuida e se ocupa de si mesmo, cuida e se relaciona melhor com o outro; para Mounier, o rechaço a qualquer tratamento degradante que anule a humanidade de alguém se dá porque existe o reconhecimento, de uns pelos outros, da pessoalidade e da dignidade que portam. Assim, ambas as noções tornam mais benéficas as relações interpessoais e a comunidade como um todo.

O que sugerimos aqui, ao “colocar” Foucault e Mounier frente a frente, não é provocar uma celeuma doutrinária inócua, mas sim proporcionar uma reflexão mais profunda sobre os problemas que afligem o mundo, desde o tempo em que viveram Mounier e Foucault, até o nosso tempo. Buscar um novo agir humano, uma nova ética e novas relações entre o eu e o outro e entre o eu e o mundo. Relações essas pautadas por um civismo de colaboração e que tenham a reciprocidade e a pluralidade como princípios. Conflitos são próprios de qualquer meio social e sempre existirão, por isso, há mecanismos para a manutenção da ordem, como o Direito. Mas isso não significa que o ambiente em que vivemos não possa se tornar mais saudável e menos inóspito.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Luiz Augusto; DAFLON, Verônica Toste; FERES JÚNIOR, João; VENTURINI, Anna Carolina Venturini. Ação afirmativa: conceito, história e debates. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

CANDIOTTO, Cesar. Ética e política em Michel Foucault. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 33, n. 2, p. 157-176, 2010. DOI: [inserir se disponível].

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Pedro Tamen. Lisboa: Relógio D'Água, 1994.

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos e Escritos, v. 5).

FOUCAULT, Michel. Hermenêutica do sujeito. 3. ed. Tradução de Salma Tannus Muchail e Marcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GRABOIS, Pedro Fornaciari. Sobre a articulação entre cuidado de si e cuidado dos outros no último Foucault: um recuo histórico à antiguidade. *Ensaio Filosóficos*, [S.l.], v. 3, p. 105-120, abr. 2011.

MOUNIER, Emmanuel. O personalismo. Tradução de Vinicius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro, 2004.

MOUNIER, Emmanuel. Manifesto ao serviço do personalismo. Lisboa: Moraes, 1967.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Humanismo, personalismo e os desafios sociais da educação contemporânea. *Revista Educação Pública*, Cuiabá, v. 18, n. 36, p. 155-163, jan./abr. 2009.

SILVEIRA, Carlos Roberto da. O humanismo personalista de Emmanuel Mounier e a repercussão no Brasil. 2010. 243 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVEIRA, Carlos Roberto da. Emmanuel Mounier e a filosofia personalista no Brasil. Mogi Guaçu: Becaete, 2017.